

## ENTREVISTA COM MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES

*POR Luciana Dadico*

O encontro com Maria Amélia de Almeida Teles se deu na manhã do dia três de junho de 2024, em uma sala da União de Mulheres<sup>1</sup>, na Bela Vista, região central da cidade de São Paulo. A conversa, que durou cerca de uma hora e meia, transcorreu de forma bastante descontraída. Embora eu (profa. Luciana Dadico) e a profa. Graziela Serroni Perosa tivéssemos, enquanto editoras e organizadoras deste dossiê, tematizado alguns pontos previamente, preocupava-nos evidenciar, por um lado, o percurso formativo da entrevistada e, por outro, as especificidades de seu lugar como mulher na produção de testemunhos e análises acerca de nossa história recente e atualidade política. Evitamos, ao elaborar nossas perguntas, abordar episódios dolorosos de suas vivências no período sob tortura, sobre os quais a entrevistada já discorreu em publicações anteriores.

Amelinha, como é conhecida, tem sido uma das principais vozes na denúncia de crimes cometidos pelo Estado brasileiro durante a ditadura militar de 1964-85, bem como na busca pelo reconhecimento e reparação desses crimes, assumindo lugar de destaque na discussão das situações enfrentadas pelas mulheres militantes, tanto em relação à violência de Estado quanto na relação com a própria militância. Sua entrevista mostra como a violência incide estruturalmente sobre as mulheres, intensificando as dificuldades que elas enfrentam para fazer valer sua crítica, voz e poder político.

Com uma capacidade excepcional de elaborar as violências sofridas, transformando-as em experiências passíveis de serem compartilhadas coletivamente e fortalecer a luta por direitos, Amelinha segue produzindo: como coordenadora da OnG União de Mulheres, responsável por diversos projetos de formação política e inclusão de mulheres, e do Bloco Carnavalesco Dona Yayá;

---

<sup>1</sup> União de Mulheres é uma organização feminista mantida há 40 anos na cidade de São Paulo e liderada por Maria Amélia Teles (<http://www.uniaodemulheres.org.br/>).

como palestrante e escritora, autora de livros icônicos como *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios*; *O que são Direitos Humanos das Mulheres*; *Feminismos: ações e histórias de mulheres*; e *Contos da cela três: memórias de uma presa política na ditadura*, que se encontra no prelo – dos quais trata também na entrevista.

Com 80 anos recém completos, as memórias de Maria Amélia Teles nos brindam com uma visão perspicaz de nossa história, sob a ótica da mulher trabalhadora. Como operária, o ingresso de Amelinha na política se deu via sindicato dos metalúrgicos (quando trabalhou para a Mannesmann em Minas Gerais). Sua fala é modulada por sua experiência partidária e à frente do movimento feminista, trazendo à tona demandas das mulheres (notadamente das mulheres negras e lésbicas), frequentemente preteridas na elaboração de políticas públicas. Ao mesmo tempo, ela busca preencher lacunas em uma narrativa histórica mais ampla e expõe a necessidade de aprofundar estudos sobre as condições das mulheres não brancas no período colonial.

Dentre outras análises, ela nota como a ausência de um olhar específico da esquerda sobre a participação das mulheres na sociedade, e suas condições interseccionais, contribuiu para a o crescimento de manifestações conservadoras de extrema direita, como a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que preparou o terreno para o Golpe de 1964 – mostrando como esse déficit diagnóstico tem custado caro à sociedade brasileira ainda hoje. Em plena atividade, as memórias de Amelinha trazem luz para desafios contemporâneos do país, tais como fortalecer a democracia e elaborar políticas públicas interseccionais, capazes de proteger a diversidade de mulheres na sociedade e, em especial, daquelas duplamente prejudicadas pelas injunções de classe, raça e gênero. Neste dossiê sobre representações contemporâneas das relações de gênero, a entrevista dessa feminista histórica brasileira possibilita manter viva e presente as lutas daquelas que nos precederam na longa batalha pela igualdade de gênero.

**Luciana:** Em primeiro lugar, Amelinha, eu queria agradecer muitíssimo sua disponibilidade. É uma honra estar aqui conversando com você, conhecer melhor sua história, suas reflexões, suas posições. Gostaria que você começasse contando um pouco como se deu o seu ingresso na vida política, sua relação com a militância durante a ditadura.

**Amelinha:** Eu nasci em 1944. Vou fazer 80 anos este ano. Nasci no final do Estado Novo, pré-ditadura Vargas. O Brasil vivia sob uma ditadura fascista — as ditaduras são fascistas, de um modo geral — no final da Segunda Guerra Mundial. Já nasci num tempo de muita efervescência política, porque o Estado Novo tinha perseguido principalmente os que defendiam a classe trabalhadora. A Segunda Guerra foi uma guerra de um caráter econômico, político, cultural, mas principalmente racista, né? Ela foi uma guerra contra as pessoas que não eram “arianas”. Meu pai era comunista, sindicalista, então a gente sempre conversava sobre política, sobre a classe trabalhadora, o comunismo, o nazifascismo. Nós vivemos até hoje as consequências da Segunda Guerra Mundial. A gente fala: o *nazifascismo foi derrotado*. Não, ele foi acuado num determinado momento, mas ele permanece aí. Eu cresci e sempre fui comprometida com a minha classe. Você vai fazendo uma leitura crítica da sociedade. *Olha, mas é isso mesmo? Não poderia ser de outro jeito?* Aí você vê que as mulheres estão num plano inferiorizado em relação aos homens, mesmo no campo da esquerda. Eu fui percebendo, quando entrei no Partido Comunista, que a polícia sempre foi contra nós. Nunca veio a polícia a favor. Nunca. Nas vésperas do golpe de 1964 — [o golpe] está fazendo 60 anos, né? — você vê as mulheres sendo manipuladas. Entrei no partido, eu tinha de 13 para 14 anos, e via que as mulheres eram tratadas de outra forma. Mulher não podia fazer determinadas atividades, não podia ocupar certos cargos no partido. A esquerda via as mulheres como submissas, os homens é que mandavam. Eu era esquisita, porque eu achava que homens e mulheres

tenham que ser iguais. Não é uma luta pela igualdade? *Esquisitice sua...* Eu não gostava daquilo. Eu não fui do movimento estudantil, entrei logo na Companhia Siderúrgica Mannesmann, uma metalúrgica, fui trabalhar lá. Quando eu fui trabalhar mesmo, de carteira assinada, fui procurar o sindicato. O sindicato já estava sob intervenção. Entrei na Mannesmann no dia 23 de março de 1964, dia 31 já aconteceu o golpe.

### **Luciana: Isso em Contagem?**

**Amelinha:** Em Belo Horizonte. Eu nasci em Contagem, mas Belo Horizonte está ali junto. Barreiro de Baixo, o nome do bairro. Belo Horizonte tem Barreiro de Baixo, onde ficava a Mannesmann, e o outro fica lá em cima, o Barreiro de Cima. Eu acompanhava política, via o esforço do João Goulart no sentido de se comprometer com reformas de base. Ele tentou, tomou duas medidas. Mas o golpe, na verdade, acho que [existe] desde quando eu nasci, no final da Segunda Guerra Mundial, se não antes, na ditadura Vargas. Os militares queriam um outro tipo de ditadura, mais voltado para a defesa das multinacionais e do chamado, na época, imperialismo americano. Hoje me choca falar que os Estados Unidos é um país democrático. Não acredito. Por isso eu vejo muita gente que não acredita na democracia, porque a democracia não é isso, não mesmo. Eu defendo a democracia, aprendi na minha própria pele o quanto é importante. Mas os Estados Unidos não é [um país] democrático. Só que ele manda no mundo, né?, pelo poderio econômico, pelo capitalismo. Está disputando com a China, hoje, mas, naquela época... A participação política era contra a luta popular lá em Belo Horizonte, os latifundiários, os banqueiros eram muito fortes. O governador era banqueiro, o maior banqueiro do Brasil. José Magalhães Pinto era um forte aliado dos militares, representante dos empresários e contra o povo. Ele fazia toda uma articulação, era de extrema-direita. João Goulart tomou a iniciativa de fazer o controle de remessas de lucros para o exterior. Quer dizer, tinha que aplicar dentro

do próprio Brasil uma parte dos lucros das multinacionais. Porque eles sempre usaram nosso território como se fosse deles, essa massa humana, que é massa, mesmo. Eles fazem o que querem e levam tudo pra fora. No caso do João Goulart, queria que deixasse uma parte aqui, que aplicasse em intervenções sociais. Por isso nasceu o grupo escolar da Mannesmann, onde eu trabalhei, por conta desse decreto do João Goulart. A Mannesmann... o quanto que ela ganhou, roubou, explorou e continua explorando: apenas mudam o nome. No entanto, uma escolinha, para os filhos dos operários da Mannesmann tinha. Nessa escolinha que eu fui trabalhar. A outra medida foi no dia 13 de março, quando ele faz o famoso comício na Central do Brasil, que dizem, foi o maior comício que houve no Brasil até então. O Comando Geral dos Trabalhadores convocou o povo para ir na Central do Brasil, junto com a UNE, a União Nacional dos Estudantes, que era ativa naquela época. Hoje, você nem sabe o que é UNE. Eu faço muita palestra em escolas, hoje ninguém sabe o que é. Tenho que explicar: *UNE quer dizer União Nacional dos Estudantes, lá estão os estudantes universitários, porque os secundaristas têm outra entidade, são organizadas num nível municipal, estadual, nacional e tal.* Eu não vejo essas organizações mais.

Naquele comício, o Jango assinou uma lei, ainda acanhada e tímida, da reforma agrária. Aí, pronto. Essas duas iniciativas, cercar o capital internacional e abrir a terra para quem nela mora e trabalha, isso é muito para o nosso capitalismo, né? Para uma sociedade brasileira elitista. Historicamente falando, a exploração não começou quando eu nasci, vem desde a invasão dos europeus aqui nesse território. O fascismo, os militares, o que eles fizeram, como eles responderam? Eles já estavam preparados para responder dessa forma, isso é que é interessante. O comício foi dia 13, quando foi no dia 19 de março, em várias capitais do Brasil, mulheres saíram numa marcha com Deus pela família.

Não foi *olha, esse aqui é um governo comunista, vamos lutar contra ele.* Não foi numa semana, [nem] em seis dias que se preparou [o golpe]. Isso vinha num processo. Aí que eu trato da questão. Hoje a gente chama de gênero, na época,

eu falava *as mulheres*. Eu continuo falando *as mulheres*, porque eu acho que gênero é gênero e mulheres são mulheres. Gênero tem um conceito mais amplo, envolve mulheres, homens. Na época, eu pensei, mas não consegui elaborar muito, porque logo veio a ditadura, comecei a pensar nessa desigualdade entre homens e mulheres nessa marcha. E que essa desigualdade afetava a luta de classes. Porque a gente era ligado na luta de classes e na luta contra o racismo. Mas eu vou perceber isso um pouco depois, não vou perceber na hora. Na hora, eu percebo que tem alguma coisa errada com as mulheres. Minha consciência, em primeiro lugar, vem enquanto mulheres dentro de uma luta de classes. Falavam em 250 mil mulheres [na marcha], o governador ia na frente, com autoridade da igreja, militares, empresários, um monte de homem junto com as mulheres, que eram brancas, eu me lembro bem, classe média alta. Mulheres sendo bem tratadas. E, atrás, vinham as mulheres do povo: a mulher preta, favelada, que eram as empregadas domésticas. Minha sensação foi essa: elas são obrigadas a acompanhar ou elas vão perder o emprego. Agora, 250 mil... não, nunca fizemos. Eu vou em tudo quanto é passeata. Sábado eu estava na marcha das lésbicas. Vamos dizer que tinha mil mulheres, ali? Nós pensamos que ganhamos muito espaço. Ganhamos. Mas nós ainda estamos muito aquém de qualquer qualificação da cidadania. Ninguém falou da marcha das lésbicas. Tem das trans, do orgulho gay. Mas das lésbicas, não, ninguém falou. Por isso eu vou nessa marcha, porque acho que a gente tem que fortalecer esse grupo, dar visibilidade na sociedade. Enfrentar esse preconceito, mostrando nossa cara, nosso corpo, nossa alma.

Mas, voltando, esse foi o meu choque. Eu falei: *eu vou conversar com a direção do partido porque as mulheres pobres estão indo apoiar os militares*. Mas não tive tempo.

[Pausa para oferecer-me um café.]

O golpe começou em Minas. As tropas, comandadas pelo general Olímpio Mourão saem de Juiz de Fora e vão tomar o Rio, centro político mais importante naquela época. Aí aconteceu o golpe; meu pai ficou desaparecido por seis meses. Eu fui presa, também, com minha irmã. Nós fomos sequestradas, levadas pro quartel. Então, tivemos que ir para a clandestinidade. Eu fui da imprensa clandestina desde o meu primeiro dia na clandestinidade, até que eu fui sequestrada e presa, em 1972, pelo DOI-CODI aqui de São Paulo. Foi um processo. Em 65, não, 66, eu fico na clandestinidade até 1972.

**Luciana: Sete anos...Você ficava em São Paulo ou em Minas?**

**Amelinha:** Sete anos eu vou ficar na clandestinidade. Em vários lugares, conforme as necessidades do partido. Eu fui da principal gráfica do partido, junto ao comitê central. Eu vivia entre Rio e São Paulo. Acabei ficando em São Paulo. Hoje tem gente que acha que eu sou paulistana. Aí é essa história que você já conhece: minha família toda é sequestrada, meus filhos com quatro, cinco anos; minha irmã, grávida de oito meses, teve o seu bebê na cadeia. É uma história muito triste, a nossa. Trágica, mesmo. Porque a geração do meu pai, a minha geração e a geração dos meus filhos são três gerações cercadas, sequestradas, torturadas pela repressão. O que nós decidimos é que vamos denunciar até o fim da nossa vida as barbaridades que eles fizeram. Meus filhos seguem esse caminho. Mas, a sociedade perdeu muito. Nós perdemos nossa capacidade de nos indignarmos, de criar novas perspectivas, de fazer uma leitura crítica da sociedade. Nós perdemos as referências, os valores. Tem gente que fala: *Que bom que a ditadura acabou*. Nós não ganhamos, não. Ganhamos é experiência, né? Se é que ajuda. E essa experiência tem que ser respeitada, considerada, trabalhada, para que ela fortaleça a sociedade, senão, não adianta. Se eu morro com a minha experiência, sozinha, lá com meu cachorrinho, não adianta, né? Por isso, hoje eu escrevo muito, porque é uma forma de trazer não só a minha experiência pessoal, mas reflexões

que eu acho necessárias. Meu último livro, eu trouxe para você ver [mostrando o livro]: *Feminismos: ações e histórias de mulheres*. O último livro está no prelo: *Contos da cela 3: memórias de uma presa política na ditadura*.

**Luciana: Você tem tido um papel muito importante, Amelinha, na produção de testemunhos do que se passou na época da ditadura militar, principalmente, além de todo o processo de construção da luta feminista. E, agora, na produção de ensaios, de textos escritos que materializam essas reflexões. Considerando a importância, para uma história da resistência, do ponto de vista das mulheres, uma área que percebe muitas lacunas na historiografia brasileira, como tem se dado esse seu processo de produção? Refiro-me também a suas pesquisas e leituras.**

**Amelinha:** Eu nunca deixei de produzir. Nunca deixei de ser da imprensa, apesar de que a imprensa aconteceu na minha vida por uma imposição da ditadura. Não fui eu quem escolhi. Eu sempre escrevi. Meu livro mais famoso, *Breve história do feminismo no Brasil*, da Brasiliense, nem existe mais, tem mais de 30 anos. Esse ficou famoso, mas eu já escrevia antes. Eu era do *Brasil Mulher*, do *Jornal Movimento*. Eu fui do *Enfoque Feminista*, uma revista que umas organizações feministas faziam. Eu, inclusive, quem levei a ideia para o PC do B. Eu fui do PC do B, Partido Comunista do Brasil, mas fui expulsa do partido por ser feminista. Mesmo assim eu insisti para que o partido fizesse uma revista. E fez. Ela perdeu muito da minha ideia inicial, mas eu fui uma das propositoras, embora eles nem considerem. Eu os vejo hoje contando a história sem a nossa participação, a participação das feministas, das mulheres, é impressionante.

**Luciana: Você conseguia registrar a autoria desses escritos, quando você publicava no jornal?**

**Amelinha:** Não. Na clandestinidade não podia.

**Luciana: Nem com pseudônimo?**

**Amelinha:** Não valia a pena. Agora, tudo o que você achar na Classe Operária lá na UNICAMP, no arquivo Edgard Leuenroth, naquele período sou eu quem escrevo. Não é muita coisa. O partido nunca tinha espaço para tratar dessas questões das mulheres. Às vezes, um artigo ou outro que eu escrevia era sobre cultura, educação.

**Luciana: Assuntos considerados menores.**

**Amelinha:** Na esquerda, cultura, educação [são consideradas menores]. Tanto é que a educação está do jeito que está. Nós nunca demos importância à educação. Infelizmente, os estudantes deram, lutaram muito pela universidade pública, gratuita e de qualidade. Mas a vida vai ficando cada vez pior, então você acaba lutando pelo arroz e feijão, um lugar para morar e pronto. Um lugar pra morrer, um hospital. A perspectiva de revolução foi reduzida. A ditadura nos sequestrou essa perspectiva – eu acho a pior coisa que foi feita – para a sociedade brasileira. Outro dia, eu estava lendo a Heloísa Teixeira, uma professora da Academia Brasileira de Letras, sobre *A volta dos militares*. Existem pessoas que não sabem do que ela está falando.

**Luciana: Nem das estruturas concretas de poder.**

**Amelinha:** Exatamente. Você vê, o que que está forte hoje, no estado? A polícia e os militares, ou seja, é um estado policial-militar. Da educação, tiram cada vez mais o orçamento. Da saúde, acabei de ir lá ver, dá dó [pouco antes da entrevista, Amelinha havia ido à UBS do bairro para se vacinar]. É uma funcionária só pra fazer tudo. Então, você tem que ter paciência e esperar. Se eu for voltar lá amanhã, vai ser pior. É a mesma funcionária, ninguém contrata. E é um contrato precário. Nós estamos vivendo um estado policial-militar, não é à toa que vem um governador que fala em escola cívico-militar. E quem vai lá protestar, é preso, está sendo processado. Aquela menina trans que foi lá na Assembleia protestar contra a escola cívico-militar: ela tem o direito, gente. Ela estava me representando, ali. Porque eu não fui, mas eu queria estar lá junto com ela. E, no entanto, ela é presa, e agora responde processo. Vai se tornar ré. Acusada de quê? De defender a democracia, de defender o ensino com autonomia, um ensino que aguce a criatividade da juventude. As mulheres e homens da minha geração, conscientes ou não, contribuímos muito para o feminismo. Eu não chamo de *onda feminista* para desnaturalizar essa situação de inferioridade das mulheres, acho que *onda* é uma coisa muito natural. Não é *onda*, não é um fenômeno, é um processo histórico. Sem história nós não vamos enxergar, ali na esquina, o que está acontecendo. Enxergar no sentido de compreender, de pensar: *Aquilo está acontecendo, mas poderia ser diferente. Nós já vivemos isso em outra época, vamos sair dessa. Como? Tem caminhos.* Inovar mesmo, inventar uma nova forma de viver. Para a gente inventar, é bom buscar o repertório que a gente já construiu em outros tempos. Minha produção não é coisa de agora. A produção mais nova também não é. Esse livro – pode chamar de literatura, eu nem sei que nome dar ao estilo – está fazendo muita falta. São contos. Eu fiquei seis meses incomunicável na cela três. Comecei a escrever contos para que os meus filhos entendessem. Se um dia eu voltasse a encontrá-los, eu queria que eles entendessem porque nós ficamos tão separados, porque eles cresceram sem mim. Eu não vi o que estava acontecendo com eles, porque eu estava incomunicável. Então, eu escrevia contos. Num

papelzinho de cigarro. Antigamente, tinha aquele... eu não sei agora, porque eu não fumo mais, não uso cigarro, mas era um papelzinho. Eu arrumei canetinha, me deram. Essa necessidade de comunicação é tão forte no ser humano, que nós conseguimos nos comunicar mesmo estando em condição de incomunicabilidade. É impressionante! Você é psicóloga, você estuda isso... eu penso: *como a gente pode descobrir tantas coisas dentro da cadeia?* Você está sozinha, isolada numa cela, mas isso acontece, e não só acontece comigo. Nem todo mundo conta suas experiências de cadeia. Eu escrevia, dobrava bem pequenininho e dava um jeito de mandar. Só havia homens, eu era a única mulher, mandava para um homem que eu achava simpático. E eles adoravam. Eles ficavam esperando eu escrever, era uma festa! Eu escrevia como se tivesse escrevendo para os meus filhos. Outros contos eu nem cheguei a escrever, não deu tempo. Mas eu imaginava as histórias. Agora, na pandemia, eu escrevi quinze contos. Na verdade, eu reescrevi aqueles, porque a polícia ia fazer batida na cela e levava tudo embora. Então, eu não fiquei com nenhum papelzinho desses. Eu contei para os meus filhos assim de boca, na memória. [O título] *Contos da cela três é cafoníssimo*, mas eu cheguei à conclusão que são os contos da cela três. Se você não gostar, paciência. Sempre escrevi, sempre falei, eu sempre denunciei a ditadura, denuncio. Não é justo eu ver isto, aquilo, saber e não denunciar. Não só para mim mesma, mas para qualquer pessoa. A ditadura não acabou. Eu nem gosto de falar *para que nunca mais aconteça*. Está acontecendo todo dia, toda hora. Você vê a matança aqui na Baixada Santista: eu vi, não foi ninguém quem me contou. Eu fui conversar com as mães, houve muito mais morte do que as que foram computadas oficialmente. As mães ficaram sabendo que havia corpos ali nos mangues jogados. Elas contaram que no domingo, ontem, teve uma manifestação a favor do governador por ter feito essa matança, por ter "livrado" aquela região dos bandidos. É assim que a sociedade vê. Gente, ninguém nasceu pra ser assassinado! Todo mundo tem direito à vida. É claro que cada um é responsável por seus atos, se você cometeu um ato que prejudicou outra pessoa,

you tem que responder por ele. Isso está na lei. Não precisa eu estar explicando isso. Mas, é "bandido" que ninguém sabe quem é.

**Luciana: Não houve julgamento.**

**Amelinha:** Não! Eu vi o Hamilton Mourão, quando era vice-presidente da República, falando sobre aquela chacina em Jacarezinho, no Rio de Janeiro, que era tudo bandido, mas a polícia não sabia quem eram as pessoas, as famílias perguntando... Como é que eu falo que é bandido, eu condeno sem processo e sem saber nem quem são essas pessoas? Porque é preto, é bandido? Porque é jovem, é bandido? Porque é pobre, é bandido? Quer dizer, isso pra mim é ditadura ainda. Eu vou preparar uma aula de História, porque pediram pra eu dar uma aula sobre os 60 anos do golpe militar. É um curso para a [revista] Carta Capital. É bom contar um pouquinho a história do Brasil. Porque você veio de golpe em golpe. A República é instalada, proclamada aqui no Brasil por meio de um golpe. O Marechal Deodoro dá um golpe em Dom Pedro II. E quando vai ter eleição, acho que é em 1895, é a primeira eleição "direta" em que só rico pode votar, porque precisava ser branco, homem e rico. Mulher era proibida de votar, mesmo. Isso representava, na época, e acho que continua, 1% da população. Essa era a eleição livre e direta da República. Aí, quem vai ser eleito? Outro militar, representando a elite. O extrativismo era e continua sendo umas das principais atividades econômicas do Brasil. É muito triste. Não é que o golpe é mais um golpe. Ele é um golpe que marca a história. Esses 21 anos de ditadura militar, o retrocesso, a estrutura militarizada do estado, ela se fortaleceu de uma tal forma, que nós nunca mais conseguimos recuperar um estado democrático de direito. Nós estamos tentando, aqui nas bordas, mas levando porrada.

**Luciana: Nessa história, você sofreu, particularmente, essa violência de forma direta e tem feito um esforço no sentido de publicizar isso. Recordar essa violência**

**gera um sofrimento. Mas você tem assumido essa postura de publicização como um exercício de construção de uma consciência no, do presente. No seu cotidiano, como é que você lida com isso? Porque a violência contra mulher persiste nas nossas relações.**

**Amelinha:** Em toda área da vida, né? Eu sou feminista, e feminista tem uma atuação coletiva entre mulheres. Aqui tem a União de Mulheres de São Paulo, nós nos reunimos sempre, periodicamente, e a gente se fortalece umas às outras, troca essas experiências. Eu acho que minha força – e eu tenho sobrevivido, resistido e não perdi minha capacidade de indignação –vem dessas experiências coletivas, de trocas, de vivências, de construção num caminho político. Nós investimos aqui na formação política de outras mulheres, que não tiveram oportunidade, que não tiveram nenhuma chance, porque muitas vezes o próprio movimento é muito fechado. Então, nós temos que preservar muitas mulheres que não chegaram até esses movimentos, mas têm o direito. Dentro das nossas condições, a gente procura abrir caminho para as mulheres participarem, falarem, denunciarem. É uma forma de a gente se fortalecer e ter uma perspectiva mínima de construir políticas públicas, de elaborar, formular políticas de atendimento, de cidadania para as mulheres. Essa tem sido a nossa forma de nos mantermos vivas, atuantes, ativas politicamente. Também sou da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos. É um movimento que eu acompanho. Meu cunhado é desaparecido político. Eu também poderia ser uma desaparecida política. Eu e minha irmã. E nós temos consciência disso. A sociedade brasileira precisa conhecer esse drama, de ter um desaparecido na família. E isso é muito mais grave do que a gente imagina, porque a gente pensa assim: *Ah, gente, tem mais de 50 anos que ela perdeu o marido e até hoje...* Não! Ela não está nem falando do marido. Ela já criou o filho, tem sua profissão, seu sustento. Mas isso acontece na sociedade brasileira toda. No Brasil, desaparecem por volta de 70 mil pessoas por ano. E muitas crianças periféricas, pretas, pobres... Eu trombo com as mães das crianças desaparecidas.

Nós fizemos um trabalho de formação política dessas mães, porque, é bom que elas conheçam essa história, que elas conheçam as leis. Essas leis que foram criadas para prevenir o desaparecimento forçado, leis que são fruto de lutas de muitas mães no mundo inteiro. Meu cotidiano não é um cotidiano de sofrimento. Eu não sofro. As pessoas até acham estranho. Sofro, mas não vivo desse sofrimento. Eu vivo na luta. A luta que me dá vida, não é o sofrimento. *Fica deprimida?* Vamos largar essa depressão e vamos lá ver as lésbicas lutando. Eu vou para tudo quanto é luta que eu acho necessária.

**Luciana: Eu queria justamente perguntar sobre o seu trabalho político. Você é fundadora da União de Mulheres. Vocês têm feito esse trabalho com as Promotoras Legais Populares. Você poderia contar um pouquinho sobre a sua militância na União de Mulheres, especificamente?**

**Amelinha:** Eu vi o valor do partido na ditadura, era muito difícil continuar lutando sem um partido político. Mas, depois, não vi mais importância no partido. Embora eu defenda, tenha lutado pelo direito à liberdade partidária de todas as organizações, eu pessoalmente não acredito. Porque os partidos se reorganizaram após a ditadura, mas esse processo que chamaram de redemocratização também não é bem de mais liberdade de expressão. Os partidos se organizaram muito mais pra se alimentar a si próprios do que para fazer um trabalho social. Essa é minha dificuldade com os partidos. Eu não sou de partido nenhum. Agora, os movimentos são necessários. Nós participamos dos movimentos de familiares, que fazem reuniões aqui; das Promotoras Legais Populares; tem o bloco da Dona Yayá, que é um bloco pré-carnavalesco, que não é nem carnavalesco; tem o União de Mulheres, que faz uma série de atividades. Eu vejo esses movimentos como necessários, eles apontam o que há de mais agudo para enfrentar. Os partidos, o governo, o Estado, a sociedade deveriam estar ligados para quem faz a Marcha do Orgulho Gay, em que participam mais 3 milhões de pessoas, em por que se faz

Marcha das Mulheres, no 8 de março. O feminicídio está aí, o Brasil é o país que mais mata pessoas trans e LGBT. O racismo é histórico, é estrutural, como diria o Sílvio Almeida<sup>2</sup>. E o sexismo também, porque, às vezes, o pessoal pensa que o racismo é estrutural, mas o sexismo, não. Eu tenho que escrever mais sobre isso, mas ainda não tive tempo, eu tenho um monte de coisas para escrever. Fazer um livro, pelo menos. Fica lá, quem quiser, estuda, leia, reflita sobre.

Esses movimentos são necessários, mas nós ainda temos uma educação política muito limitada. Nós ainda estamos aprendendo a lidar com a coisa pública, com minha responsabilidade frente ao movimento. Eu sinto que esse é meu papel. Quando entrei na clandestinidade, eu recebi muito dinheiro por conta da [demissão da] Mannesmann. Eu fui demitida porque eu era comunista. Esse dinheiro todinho eu dei para o partido. Não fiquei com ele. Eu quem sustento essa casa [onde funciona a União de Mulheres]. Eu pago 20 mil reais de IPTU. Eu trabalho. A pessoa fala: *Nossa, tem 80 anos e trabalha*. Eu trabalho, porque eu tenho que bancar [essas despesas]. As mulheres não têm dinheiro. Até às mulheres falta essa consciência de que isso aqui funciona porque está sendo subsidiado por alguém. Por quem? Pelo governo? Pelo Estado? Pela sociedade? Não, por mim. As pessoas precisam saber não para me recompensar, eu não estou precisando de recompensa nenhuma, mas para ver o esforço que nós temos que fazer para manter nossos movimentos de forma autônoma, para aprender a fazer uma leitura crítica da realidade e tomar partido. Aí tem que tomar partido, né? Não precisa ser de partido, mas você tem que tomar uma posição política, ser contra isso ou a favor daquilo, conscientemente. Não é porque a outra pediu pra você... *Ah, eu vou votar no fulano porque a menina pediu*. Não, não é por isso, não, filho. Essa que é a importância. É um processo. É um desafio grande, ainda mais no mundo em que nós estamos vivendo, em que muita gente é comprada por miséria... Os motoristas de táxi, por exemplo, foram comprados pelo Bolsonaro. Bolsonaro deu seis mil reais, naquele auxílio de emergência, para cada motorista. E eles saíram

---

<sup>2</sup> A entrevista aconteceu antes da destituição do ministro de seu cargo por acusação de assédio.

defendendo o [presidente]. Eu falei: *Gente, vocês estão defendendo a morte para vocês, porque esse homem é responsável por pelo menos 1 milhão de mortes da Covid*. Quantos milhões vão ter que morrer pra gente entender que quem está matando a gente é o representante-mor do Estado Brasileiro?

Minha função tem sido essa: eu procuro manter um mínimo de infraestrutura para as mulheres se reunirem, e para homens também, no caso dos familiares dos desaparecidos políticos, que aqui entram e participam na cobrança, que é uma luta difícilíssima. Porque a sociedade não compreende, acha que é uma questão pessoal, um problema pessoal meu. Eu não estou com problema pessoal, não, eu já resolvi isso há muito tempo. É um problema social, político, é um problema histórico no Brasil, o desaparecimento. Assim como as mulheres serem subjugadas, maltratadas, ameaçadas, humilhadas. Porque nós estamos sendo humilhadas, gente. Esse bolsonarismo humilhou as mulheres. O golpe contra a Dilma foi um golpe contra as mulheres. As mulheres têm que perceber isso. Independentemente de eu gostar ou não gostar da Dilma, não é essa a questão. É uma mulher, sim, uma mulher de esquerda, que foi guerrilheira. Ela tem essa história. E essa história foi um motivo pelo qual ela vai ser alvo do ataque fascista, do golpe de Estado. Usaram o fato de termos uma mulher à frente do Estado para dar um golpe, para fazer retroceder qualquer iniciativa democrática. Aí, entra uma coisa sobre a qual eu refleti muito na época: quando a Dilma foi candidata, ela foi proibida de falar da palavra *aborto*. Não sei se você se lembra. Inclusive, o Serra, que era o outro candidato, dizia que ela era aborteira, assassina, terrorista. Ele fez muita acusação em rede social. Ela conseguiu furar esse bloqueio, graças a nós feministas, quem botamos a cara pra bater. Quando se fala de aborto, somos só nós. Todo mundo se diz a favor dos direitos humanos, mas parece que o aborto não está dentro dos direitos humanos. Como não? Aí, quando a Dilma fez o "*kit gay*", que era uma demanda do movimento – não é nem a Dilma que fez, ele ficou pronto no governo dela – ele foi caçado. É um negócio, assim, tão *perigoso*, que você nunca viu, né?, o *kit gay*. Eu não vi. Quer dizer, a homofobia prevaleceu. A misoginia prevaleceu

na campanha. Um dos primeiros atos da Dilma foi caçar [o kit]. O Estado gastou dinheiro para dar uma educação sexual, uma educação cidadã para a população, para enfrentar o preconceito, a discriminação, isso ia fortalecer muito a democracia, mas foi cassado. O Lula não teve coragem de fazer a Comissão da Verdade e jogou no colo da Dilma. A Dilma fez, ainda que precariamente, uma Comissão da Verdade, mas fez. A Dilma tem mais coragem que o Lula, porque, a gente sabe que os militares fazem o cerco. Estão fazendo agora, com o Lula. Mas a Dilma enfrentou, e pagou caro por isso. Como diz a Márcia Tiburi, ela sofreu um estupro político. Que coisa, gente, as cenas que montaram... Aí, ela vai para o segundo governo e os fundamentalistas... o *Fora, Cunha*, como é que ele se chama? O Eduardo Cunha. Esses são bandidos comprovadamente, são criminosos. Ele obrigou a tirar a palavra gênero do Plano Nacional de Educação. Eu me lembro de ter conversando com os partidos, com o PT. Por isso, eu acho que os partidos são limitados. A esquerda falou: *Não, mas a gente continua trabalhando esse nome...* Eu falei: *Não é um nome, é a capacidade de nomear uma realidade.* Você não enfrenta a violência histórica contra o povo, contra as mulheres, contra os negros sem dar nomes às situações. Tiraram gênero [do PNE]. Ninguém reagiu contra o golpe parlamentar, não militar, de 2016. Nós fizemos nossa musiquinha: *Falta gênero na educação*, para o Carnaval daquele ano.

**Luciana:** O relato que você faz das dificuldades que as mulheres enfrentavam nos movimentos políticos no tempo da ditadura militar parece que não foram superadas nem no campo da esquerda, hoje, não é? A gente enfrenta muitas críticas...

**Amelinha:** Falam que é pauta dos costumes. Nós não somos pauta dos costumes, nós somos uma pauta estrutural! A sociedade precisa enfrentar essa estrutura patriarcal, romper com isso. Nós não podemos ficar alimentando mentalidades patriarcais o resto da vida. Nós não somos “de costume”, não. A gente se

acostuma com qualquer coisa, porque isso faz parte do ser humano, a gente se acostuma com as piores porcarias, nós temos essa capacidade extraordinária de conviver nas piores situações. Eu sou exemplo disso. Mas a questão é estrutural. Patriarcalismo, racismo, sexismo, está tudo casado. Como diria a Heleieth Saffioti, que eu considero a grande mestra de nossa época, dizia que sexismo e machismo são irmãos gêmeos. Não tem como você trabalhar com um sem trabalhar com o outro. Gênero não é uma categoria com a qual se trabalha isoladamente. Gênero sempre existiu. O ser humano – nós estamos aqui no mais primitivo – olha para você e diz: *Ah, você é diferente de mim. Vamos dar um nome pra isso? Ah, você é mulher. Eu sou homem.* Essas diferenças biológicas, que são as primeiras a serem percebidas, vão desenvolvendo aquela ideia de que você tem certas características e eu tenho outras. *Ah, você amamenta, você fica grávida, eu não fico, eu não amamento.* Gênero é processo histórico, é uma categoria histórica da humanidade. Não foi, como eles falam, “comunista que inventou gay”. Não tem importância que você seja de um jeito e eu seja de outro. Qual o problema? Agora, quando se está sob uma ordem patriarcal — como a Heleieth vai falar: *gênero sob a ordem patriarcal* — aí o valor feminino passa a ser desvalorizado. Valor feminino não vale; valor masculino é ressaltado, destacado. Essa é a questão de gênero, que precisa ser enfrentada por nós. Conhecer essa história nos ajuda muito. Se é uma construção cultural, social, você pode trazer mudanças. Até o biológico você pode mudar, quanto mais o social, cultural. Não é porque você é mulher, que você é obrigada a lavar roupa todo dia, a cozinhar. Homem também pode. Não são os hormônios masculino ou feminino que vão determinar que pessoa pode lavar roupa, varrer um chão, lavar um vaso sanitário, fazer uma limpeza das janelas, das portas. Isso é uma barreira criada. Essa desigualdade de gênero vai estabelecer uma divisão sexual e racial do trabalho, que vai determinar sua vida. Sua vida em família, na igreja, na universidade, aqui na rua, na economia, no trabalho, em todo lugar, e te prejudicando. As mulheres são muito prejudicadas. Estou lendo esse livro da Heloísa Teixeira, que é interessante, ela traz o Stanislaw Ponte Preta, que foi um

jornalista de esquerda e humorista. Ele começou a escrever sobre os absurdos da ditadura, fazer piada, e escreveu um livro em dois volumes: o *Febeapá – Festival de besteiras que assolam o país*. O número um saiu em 1966, quando se começou a usar minissaia. A minissaia foi bolada como moda, na França, por um costureiro (não me lembro agora o nome), e todo mundo gostou. No Rio de Janeiro, capital do Brasil, com aquela beleza que é a zona sul, referência mundial, as mulheres começaram a usar minissaia. Então, apareceram um deputado e um delegado em Minas Gerais... Naquela época, consideravam Minas Gerais um estado conservador, atrasado, cheio de coronéis. Depois que eu andei pelo mundo, eu tenho minhas dúvidas, porque eu percebi que o mundo inteiro está assim, mas Minas Gerais levava a fama. Aí, o delegado disse que se esse costureiro aparecesse em Belo Horizonte, ia mandar prender ele. Porque ele não poderia ficar suspendendo a saia das mulheres e abaixando o decote. Um deputado estadual, na Assembleia Legislativa do Estado de Minas, faz o discurso *ninguém vai levantar a saia da mulher mineira!* Para você ver. Os fascistas, esses extremistas da direita, eles odeiam as mulheres. Ficam perseguindo. *A mulher não pode usar assim, não pode usar*. Outros não querem quem usa véu, outros que tirem o véu, outros que tirem a calça. Uma das mulheres sobre quem eu conto a história é a Chiquinha Gonzaga. Chiquinha Gonzaga travou uma luta enorme. Ela foi uma das primeiras mulheres a usar calça comprida. *Também não pode, por que calça comprida? Calça comprida é coisa de homem. Não é pra mulher*. A minissaia eu não sei para quem que é. Ninguém estava propondo para um homem usar minissaia. Então, tudo o que se refere ao corpo, à vestimenta, às manifestações das mulheres é alvo de críticas, de controle. Principalmente as mulheres que são feministas, que são críticas, elas são consideradas nervosas, histéricas, descontroladas. Você vê a Dilma, diziam que ela *não tinha condições emocionais de governar o país*. Esse era o grande defeito dela. Não, ela estava protestando contra os absurdos que estavam impingindo a ela! Eu vi, nesse momento, tirarem dinheiro da educação. Foi um golpe e ninguém falava isso. Você vai ver alguma feminista *arcaica*, como

eu, falando disso, mais ninguém. Porque foi duro elegê-la, mas foi fácil tirá-la do poder. As mulheres são um alvo. Nós, mulheres, somos as mais atacadas sem ter consciência disso. Eu queria escrever a esse respeito: você vai pegar a história do Brasil, as negras foram estupradas, as indígenas foram estupradas e mortas, as brancas vêm para cá porque um bispo um dia olhou para o Brasil, suas capitânicas hereditárias, e viu que perto dele só tinha preto. E resolveu trazer mulheres brancas para cá, para embranquecer o Brasil. Se não, nenhuma mulher branca iria atravessar o Atlântico. A viagem era muito perigosa, né? E mulher dá azar, mulher fica menstruada, essas coisas. Precisa tomar cuidado com elas, são perigosas, podem ser prostitutas, órfãs, degredadas, bandidas. Então, abrem a prisão, colocam as mulheres naquelas caravelas, e trazem pra cá para reproduzir crianças brancas. Se elas não quisessem ficar com um homem branco, mas com um homem preto, um homem indígena, elas eram mortas. Eles criam o feminicídio, que ainda não tinha esse nome, voltado para as mulheres brancas. O adultério feminino, é lógico, é crime. O dos homens, não tem problema. E com direito de matar as mulheres, isso você vai ver no Código Penal até de 1831, ou seja, 300 anos. As mulheres da elite só vêm para o Brasil em 1808, quando D. João VI foge de Napoleão. Antes disso, só vinham mulheres pobres. A própria D. Leopoldina, eu li isso mais recentemente... aliás, a leitura faz tanta falta, né? Vamos fazer uma campanha, vamos escrever um livro! Eu falo pras meninas: *Escrevam livro, gente*. Depois a gente rala para viabilizar a edição, para distribuir, que é outro drama, mas vamos escrever. O Paulo Rezzutti, que é um historiador, afirma que D. Leopoldina foi morta por D. Pedro I, que praticava violência doméstica constantemente. Ele era um estúpido, ignorante, o patriarcado em carne e osso. Ela estava grávida e ele dá um chute na barriga dela. Esse chute vai matar o feto que está dentro dela e, até eles descobrirem, ela tem uma septicemia e morre. É um feminicídio. Eu não gosto de falar da criança, para mim, feto não é um ser humano, mas seria um infanticídio também, pelo raciocínio dos fundamentalistas. A gente precisa conhecer toda essa história. Eu fui vendo que, no processo de preparação do

golpe militar — que é o que mais me toca, porque eu vivi isso, eu sou testemunha dessa época —, nós vamos ver o seguinte, que em 1945, quando termina a ditadura Vargas, vem uma democracia, mas um general é eleito, Marechal Eurico Dutra, que é outro fascista. Nossa, o Brasil não tem jeito, né? Você sai de uma ditadura, vem um general! Bom, mas foi eleito, e os comunistas apoiaram. Por isso que eu falo, partido tem que usar com muita moderação. Não vai com muita sede ao poço, senão você morre afogada. Eles aceitaram, fizeram aliança com Getúlio, e o Getúlio matou a nossa Olga Benário. Entregou ela para os nazistas, grávida. A Anita Leocádia nasceu num campo de concentração. Eu não vou esquecer disso, acho que a gente não pode esquecer. Aí, o partido comunista é legalizado. Os comunistas apoiam Vargas para legalizar o partido. Grande merda! Mas são eleitos, e vão fazer a Constituição de 1946. Aliás, você viu o tanto que eu já falei aqui, precisava de um livro só sobre isso. Não tem uma mulher na Constituinte, só homem. Homens até interessantes, não vou falar que não tem, tem o Jorge Amado, o Maurício Grabois. Mas, nenhuma mulher. Tem um artigo 5º, que fala dos direitos fundamentais, *homens e mulheres*, na Constituição de 1988, que só foi redigido assim graças a nós feministas. Está lá: *homens e mulheres são iguais em direitos e deveres*. Isso não estava escrito na Constituição de 1946. Aliás, nem lembraram de falar sobre a igualdade de direitos entre os sexos. Escreveram que o racismo é crime, mas não escreveram que o sexismo é crime também. Porque não tinha mulher lá pra lembrar disso. E eles não estavam preocupados em incluir as mulheres. As mulheres aproveitam uma certa liberdade conquistada e criam uma Federação das Mulheres do Brasil. Uma organização de mulheres comunistas, democratas, progressistas, que vão fazer um jornal. Criam o *Jornal Momento Feminino*. Tem uma famosa jornalista... Celina? Puxa, agora esqueci o nome dela. Além de escrever receita culinária, essas coisas todas, tem umas mulheres que resolvem dar aula na favela, de alfabetização. Quando vem o governo Juscelino, em 1957, a Liga das Senhoras Católicas pede pra fechar essa federação, porque essas mulheres não estavam alfabetizando, mas “comunistizando” os favelados. Os

comunistas, que já tinham feito aliança com Getúlio, fizeram aliança com o Juscelino Kubitschek, eles vão fazendo as alianças deles, fizeram com o Sarney, com tudo quanto é porcaria, para se manterem no poder. [Os comunistas] nem reagiram: *Não tem importância, fecha a federação*. Até que também fecharam o Partido. Pouquinho depois, a CIA, o serviço de inteligência dos Estados Unidos, decide investir na organização das mulheres da direita. *Porque nós vamos precisar delas em algum momento da história, não se esqueçam*. O que está fazendo essa Michele Bolsonaro? Os idiotas aqui da esquerda não percebem, ou não querem perceber. Aí, eles vão formar um monte de organizações chamadas *Organizações Femininas de Mulheres*. Nada de feminista, que "ista" é perigoso: *comunista, feminista*. Essas mulheres organizadas quem vão fazer a Marcha. As mulheres progressistas estavam desorganizadas, porque o partido nunca deu espaço para discutir questões que diziam respeito às mulheres.

Eu lembro que um dia eu fui discutir o aborto. O aborto é uma coisa muito séria para nós mulheres, porque você não sabe para onde vai quando precisa fazer. Agora, ainda tem algum recurso a mais, mas antes não tinha nada. E o partido fala assim: *Vocês tinham que estar discutindo a classe operária, não aborto. Aborto é coisa de mulher burguesa*. Por quê? Só mulher burguesa fica grávida? Não, nós ficamos grávidas também e nos deparamos com uma gravidez indesejada. Isso foi determinante para eu ser expulsa do partido.

**Luciana: Você teve um papel muito importante na garantia desse direito na Constituinte de 1988.**

**Amelinha:** É, eu participei. Em 1987, eu fui lá defender a Emenda Popular n. 65. Eu falo sobre isso num outro livro. É muito importante, sim. Eu fui representando muitas mulheres que colheram as assinaturas. Colher 30 mil assinaturas, naquela época, não é como você colher no zap. É você discutir com cada pessoa, explicar o que que é o direito; direito não é obrigação – porque muita gente entende assim. Agora

*eu sou obrigada a abortar?* Eu respondia: Não, de jeito nenhum. É se você quiser, se você tiver a necessidade. Você tem esse direito garantido com assistência médica, assistência à saúde. E você fazer essa discussão demora, foi duro.

**Luciana: Hoje é um direito que está sendo colocado em xeque.**

**Amelinha:** É. Então, o que acontece? Quando eles precisam das mulheres, vão chamar para a marcha. As mulheres da extrema-direita estão organizadas, as mulheres da esquerda, não. Porque *importante é a luta de classes*, como se a luta de classes fosse uma coisa mecânica, que não houvesse divisão sexual do trabalho, racismo, sexismo, nada.

**Luciana: Como se nós mulheres quem estivéssemos inaugurando essa divisão.**

**Amelinha:** Não, nós que inventamos esse negócio de divisão do trabalho, porque a luta de classes é um negócio a-histórico. Eu defendo a luta de classes? Não, ela existe. Se eu sou de uma classe pobre, tem uma contradição com a classe rica. Não tem nem como não enxergar isso. Isso se chama luta de classe, então, defendo a luta de classes. Agora, isso não pode ser visto de uma forma tão mecânica. Tem uma mulher que eu tinha vontade de conhecer, mas eu nunca tive tempo, e a vida corre muito, a Letícia Sparks, uma mulher negra. Eu li só um trechinho de uma entrevista que ela deu para [o jornal virtual] Ópera Mundi, falando que o proletariado brasileiro é feminino e negro. E é mesmo! Não dá pra você falar de *luta proletária* como se fosse um homem branco lutando. Então, eu faço esse estudo da história buscando a informação de onde é que estão as mulheres. O que que elas estão fazendo? Como elas estão? É difícil saber, porque não tem registro. Então, o que eu descobrir, eu tenho que escrever, para ver se facilita para as outras mais à frente. Eu escrevi a história de quinze mulheres. Descobri que Chiquinha Gonzaga foi uma das primeiras mulheres a contratar uma

pessoa trans, ela levou para o teatro dela. A Chiquinha, para sobreviver, foi muito profissional, teve que ser, vender as partituras dela de casa em casa, se apresentar. Ela criou a Sociedade Brasileira de Artistas, para defesa dos artistas, porque não tinha direito nenhum. Direitos autorais, quem primeiro lançou a ideia foi a Chiquinha, porque ela precisava! Muita gente fazia, mas não estava precisando. Ela precisava, então vai batalhar. E ela contrata uma pessoa trans.

**Luciana: Encerrando a entrevista, eu gostaria de te fazer uma pergunta de diagnóstico e prognóstico político. Estamos vivendo um momento particularmente complicado, de acirramento do cerco da extrema direita, que você aponta bem ao longo da sua entrevista, de apropriação da luta das mulheres no sentido de fortalecer uma pauta conservadora, e atacar os direitos sexuais e reprodutivos, colocando esse ataque a serviço do fascismo, de um encolhimento dos direitos, de ataque aos direitos sociais, redução da cidadania, redução do Estado, intensificando as desigualdades. No seu cotidiano de militância, quais bandeiras ou quais estratégias você acha que a gente deveria priorizar nesse contexto para fazer frente a esse recrudescimento?**

**Amelinha:** Nós estamos precisando de tanta coisa, que é até difícil de priorizar. Mas, eu vejo que nós mulheres estamos com a nossa sobrevivência ameaçada hoje no Brasil, com o emprego precarizado, sem moradia, com a alimentação num preço altíssimo, incompatível com o nosso salário. Para termos uma boa alimentação, nós precisamos comer carnes, frutas e legumes. Com esse alagamento do Rio Grande do Sul, as mudanças climáticas, o agronegócio mandando no Brasil, a gente que se lasque. Quer dizer, nós não temos dinheiro para comprar fruta, verdura, legumes. Ou a gente compra o arroz e feijão ou a gente compra isso. Isso na melhor das hipóteses, porque nós estamos comendo muita porcaria. Então, nós temos que enfrentar as mudanças climáticas, porque, o Rio Grande do Sul, pra mim, é vítima do agronegócio. Eu ainda não vi uma explicação do aquecimento global que

aborde também a questão da utilização do solo, da terra. Plantação de soja é prejuízo para todos nós, porque traz desequilíbrio ecológico. Eles querem desqualificar nossas pautas, chamando-as de *identitárias* ou de *costumes*, nós não podemos entrar nisso. Nós temos que enfrentar politicamente, ideologicamente, pautas que são estruturantes e estruturadoras da sociedade. Nós [mulheres] somos mais da metade da população mundial. Vamos dizer que sejamos metade, essa metade que sustenta a grande maioria da população, com o nosso trabalho invisível, não reconhecido. Quer dizer, se não enfrentarmos a divisão sexual e racial do trabalho fica difícil de a gente resolver. O Lula fez uma lei da igualdade salarial para inglês ver. Você passou a receber igual os homens? Não, ninguém! Eles dão desculpa de que nós precisamos de creche, precisamos de lavanderia pública, de refeitório, restaurante popular, que isso tudo está no nosso salário. Ora, todo mundo precisa de lavanderia pública! Todo mundo precisa de restaurante popular! Todo mundo precisa de creche, que o filho não é só da mãe! A gente sempre falou isso. O filho não é só da mãe. Então, sinto muito, isso é um problema social, são questões que toda sociedade precisa enfrentar. Então, nós estamos nesse impasse, porque eles estão colocando tudo nas nossas costas. E, ao mesmo tempo, mostrando que as mulheres deles *apanham*, *mas elas apanham caladas*... Porque, a Michelle Bolsonaro não apanha? Não teve aquela história dela sofrer violência doméstica? Mas é calada, então, ela é a grande estrela. Está cheio de mulher da extrema-direita, inclusive, falando da importância da luta das mulheres. Elas estão fazendo propaganda. Esse ano é ano de eleições municipais, as pautas das mulheres são muito importantes, mas estão distorcendo nossas pautas. E nós, feministas de esquerda, não estamos conseguindo reagir. Então, precisamos nos rearticular, reorganizar, rearranjar as nossas ações para poder ter um canal mais firme. Tem uma parte que fica no governo, mas não faz nada. Cá entre nós: o Ministério das Mulheres... não é porque elas sejam incompetentes, ou porque elas não queiram fazer. É porque não tem verba! Hoje em dia, quem manda é o Congresso fascista. Quem tem emenda parlamentar? É o Congresso. As emendas parlamentares têm

orçamento maior que o Ministério das Mulheres, dos Povos Originários, dos Direitos Humanos, da Igualdade Racial. Dá pra entender? Quem está mandando? A gente tem que ter essa discussão política, ver que isso está ancorado no avanço do neoliberalismo, no estado mínimo. O estado militar-policial atende toda a segurança da burguesia, da elite e o resto que se dane. Eu acho que a médio prazo eles pensam em se mudar para Marte, para a Lua, né? Eles não estão fazendo umas experiências? Quem fica, morre. Porque o Estado não é democrático e de direito. Desculpa, mas, não é! Se a gente pensar que ele é, nós vamos quebrar a cara. Porque ele é policial-militar. Nós temos que ir pelas brechas. A Constituição é democrática aqui, então vamos pegar aqui. Agora, a gente tem que fazer isso de uma forma mais articulada. As mulheres são muito corajosas. Na marcha das lésbicas, a última de que eu participei, elas vão lá e declaram, com a cara e a coragem, que são bissexuais, ou que só gostam de mulheres, a outra é mãe solteira, preta, trans. Assim, as mulheres põem seu corpo na luta. Isso é muito bom, é excelente. Tem umas que viraram deputadas, vereadoras, outras são candidatas. Tinha muita mulher candidata. Mas está faltando uma reinterpretação política do mundo, dessa correlação de forças. Isso, o partido antes fazia muito bem. Aquela condição de fazer uma análise da conjuntura internacional, nacional, local. Eu aprendi isso no partido. Hoje, não tem. No movimento não tem; no partido, também não. Quando se fala em conjuntura, é eleitoral. Quem é que vai ganhar agora, quem que vai ganhar em 2026, quem é que vai sair candidato. Estão acabando com as nossas lideranças, as poucas que sobraram. Eu vejo o próprio Boulos. Ele não foi eleito para deputado federal? Não podia, nesses dois anos, estar exercendo um mandato? Enfrentando o fascismo dentro do parlamento? Isso ajuda a politizar a sociedade. Ficou quietinho, agora vai fazer propaganda eleitoral. Ele faz campanha eleitoral escondido, porque não é para ter, porque essa campanha eleitoral é uma farsa! Todo mundo sabe que o prefeito está fazendo campanha eleitoral o tempo todo, mas *ele é prefeito*. Então, o outro que faça como deputado federal, mas que vá, dê a cara pra bater. Não pode,

porque o PT está controlando ele, se não, radicaliza, aí a gente perde apoio. Aí, vai pegar apoio da Marta Suplicy. Isso também é uma forma de sequestrar nossas pautas. Nossas pautas foram sequestradas, destruídas, maltratadas esse tempo todo, inclusive pela esquerda. É triste. Nós somos a sobra da sobra na política. Eles só se lembram de nós na hora da eleição. O maior partido de esquerda, eu acho que é o PT, paga multa para não cumprir as cotas de candidaturas de mulheres. Ainda alegam que as mulheres não querem ser candidatas. Nós fazemos debate aqui todo ano eleitoral, com as mulheres candidatas. Elas não recebem verba nenhuma. Os homens já estão com a verba, já estão gastando. Elas, não. Aqui vinha uma mulher preta, candidata a deputada. Faltando vinte dias para a eleição, ela ainda não tinha recebido um tostão do partido, que é obrigatório! Tem fundo eleitoral para isso! Eu perguntei por que ela continuava no PT. Quer dizer, nós estamos meio amarradas. O movimento feminista poderia ser mais forte no Brasil. Antes do Bolsonaro ganhar a eleição, nós fizemos aquela passeata linda, do *Ele, não!* Foi uma coisa... a esquerda caiu matando.

**Luciana: Foi.**

**Amelinha:** Você se lembra disso, né?

**Luciana: Sim. Como se nós fossemos culpadas pela derrota da esquerda.**

**Amelinha:** É, nós quem somos culpadas, eles, não! Quando o Bolsonaro ganhasse a eleição, nós tínhamos que fazer aquela passeata de novo, lembrando: *Nós falamos “ele, não”, e nós continuamos nessa postura: “Ele, não”. Nós somos oposição! O movimento feminista brasileiro é oposição ao Bolsonaro! Vamos dar a cara para bater!* Nós tínhamos que ter falado isso, porque aí ficávamos na ofensiva. Porque ele veio fechando os serviços de aborto legal, fazendo e acontecendo. *Mulher tem que ganhar menos, porque mulher fica grávida.* Ele falou isso. O

Bolsonaro falou. *Eu não estupro mulher feia*, falou para a Maria do Rosário, deputada. Nós tínhamos que ter saído dizendo: *Nós respeitamos o resultado eleitoral, mas a partir do dia 1º, tomou posse, nós somos oposição!* Nós não fizemos isso. As feministas, lá nos Estados Unidos, o Trump ganhou, elas fizeram aquela marcha, que aliás se espalhou pelo mundo. Nos Estados Unidos é fácil ganhar eleição, porque [votar] não é obrigatório, e cada vez menos eleitores votam, então fica fascista votando em fascista. Aqui no Brasil é mais complicado. Eu não gosto muito desse processo eleitoral, mas, nós temos que nos preparar para ele. Eu já falei com todo mundo aqui, eu sou a favor de todas feministas candidatas: as pretas, as lésbicas, as trans, todo mundo. Se eu puder, eu vou lá no lançamento da candidatura. Porque não é fácil. Estou muito velha. Mas, se eu puder, eu vou. Assino manifesto, põe lá meu nome. Pode pôr, estou apoiando. Por que eu defendo as mulheres feministas? Primeiro, porque eu sou feminista e sou mulher. Segundo, porque eu sou contra os fascistas. O principal alvo dos fascistas, acho que ninguém entendeu isso, são as mulheres. Ninguém entendeu isso. E, quando nós falamos “mulher”, nós quem abrimos porta para tudo quanto foi movimento. Nós, as mulheres feministas. E nós estamos trancadas, encostadas na parede. Eu me vejo assim, um monte de policiais encostando, porque para todo lado tem polícia. Polícia cercando os pretos, LGBTQIA+. *Vai lá e fala! A revolução não será feita se não houver mulheres na liderança.* Nós lutamos contra a maré, porque a maré fascista vem com tudo. Até nessa rua aqui.

Tem um lado bom. As mulheres têm muito mais consciência, historicamente falando. Acho que nós nunca tivemos tanta consciência de que nós temos direitos, nós somos cidadãs. Ninguém vai parar essa luta. Com muita dificuldade, nós adquirimos essa consciência. Eu vejo pelas manifestações, aquelas jovens, mulheres pretas, mulher da favela, elas vão lá e falam, pegam o microfone. *É isso aí!* Precisamos repetir para acumular força. Bastante.

**Luciana: Amelinha, muito obrigada pela disponibilidade.**